
Rousseau e Marx – dois românticos do pensamento educacional?

Sandra Regina Gomes

Mestre em Educação – Uninove
Docente de Geografia da Rede Pública Paulista;
Especialista em Economia do Trabalho e
Sindicalismo – Unicamp;
São Paulo – SP [Brasil]

Sérgio Lourenço Simões

Mestre em Educação – Uninove e
Mestre em Linguística – UNG;
Docente no curso de Direito – Uninove
São Paulo – SP [Brasil]
professorsimoes@uol.com.br

Neste trabalho, pretende-se explorar, em estudo comparativo, a evolução da educação em escolas, com base em abordagens dos clássicos Rousseau e Marx, que, aplicadas aos nossos dias, identificam características, analisando, sob o olhar de terceiros, o significado das ideias expostas de cada um dos autores pesquisados. Neste artigo, consideramo-los como dois “românticos” do pensamento educacional, guardadas as devidas diferenças do contexto histórico em que viveram – séculos XVIII e XIX, respectivamente – na medida em que se opuseram aos modelos de sua época, como sonhadores do mundo, conhecedores profundos de suas realidades, sujeitos históricos inconformados que não só denunciaram uma sociedade legitimadora da desigualdade, mas também ousaram propor uma nova ordem social.

Palavras-chave: Clássicos. Escola e trabalho.
Romantismo pedagógico. Rousseau e Marx.

1 Introdução

Estudar os clássicos é penetrar na própria história. É beber em fonte de “água viva”, voltando-se no tempo para entender seu contexto, num diálogo direto e profícuo com os atores, aprendendo a aprender pela ressignificação de suas ideias.

Nessa caminhada, o educador vai construindo o próprio caminho, rompendo os limites de uma educação formal, para uma construção mais bem elaborada do conhecimento, intuída pela ruptura com os modelos ‘conservadores’ estabelecidos pela sociedade, o que lhe permitirá fortalecer a formação de um ser desejoso de se ver projetar no mundo, de poder compreender a realidade, de mudar e transformar.

2 Referencial teórico

Para viabilizar este estudo, procedeu-se ao levantamento bibliográfico e, com base numa teoria crítico-dialógica, de inspiração freiriana, fez-se a leitura e a análise dos textos selecionados para resgatar as preocupações dos clássicos e suas contribuições pedagógicas ao contexto educacional.

3 Objetivos

Privilegiamos, neste trabalho, o estudo comparativo-crítico de Rousseau e de Marx, buscando estabelecer um nexos entre eles. Isso se justifica por serem pensadores da modernidade, diante dos quais não nos mantemos neutros ou passivos em razão da atualidade de suas ideias.

4 Contexto histórico da vida e da obra de Jean-Jacques Rousseau e de Karl Marx

4.1 Jean-Jacques Rousseau

Século XVIII, século do Iluminismo, no qual nasce o sujeito da modernidade. Seus valores fundamentais estavam ligados ao desenvolvimento do capitalismo comercial e do individualismo burguês. A burguesia se fortalecia e formulava críticas ao antigo regime caracterizado pelo absolutismo monárquico, sociedade estamental, mercantilismo e poder da igreja. O Iluminismo defendia a igualdade, a tolerância religiosa ou filosófica, a liberdade, a propriedade, e punha a razão como a “luz natural do homem”.

Nesse século, de 1712 a 1778, viveu Jean-Jacques Rousseau, suíço de origem. Foi autor de obras como “O discurso sobre a ciência e as artes”, “Discurso sobre a origem da desigualdade e sobre a economia política”, “Emílio ou da educação”, “O contrato social”, “Considerações sobre o governo da Polônia”. Em síntese, suas obras tratam das relações entre natureza e sociedade, a moral fundada na liberdade, a primazia do sentimento sobre a razão, a teoria da bondade natural do homem e a doutrina do controle social.

Para Rousseau, que não se considerava filósofo, a liberdade era um bem supremo, um princípio orientador das relações sociais e dos processos educativos. Ao considerar a liberdade como direito natural do homem, aproximava-se de John Locke. No entanto, diferia deste por julgá-la um bem moral, intrínseco ao ser humano. Entendia a propriedade e o Estado como possuidores de um só sentido para preservar o bem comum, para o qual a vontade geral deveria estar sempre direcionada. Nessa perspectiva, Rousseau pode ser considerado democrático, mas não um liberal, pois nunca acreditou na separação entre indivíduo e Estado. Segundo o pensador,

O homem nasceu livre, e não obstante, está acorrentado em toda parte. Julga-se senhor dos demais seres sem deixar de ser escravo como eles. Como se tem realizado esta mutação? Ignoro-o. Que pode legitimá-la? Creio poder responder a esta questão. [...] Porém a ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos os demais. Não obstante, este direito não provém da Natureza; funda-se em convenções (ROUSSEAU, 1960, p. 6).

O mundo de Rousseau é a Europa (notadamente Alemanha, França e Inglaterra). Esse território, à época, também era palco de reviravoltas, alterações radicais e profundas na sociedade, em sua estrutura política, econômica e social, representando um confronto entre uma ordem anterior e um novo projeto político-social. Temos como exemplo, além da Revolução Industrial, a Revolução Francesa (1789), que Rousseau pressentiu e da qual, segundo alguns estudiosos, foi precursor. No que se refere à educação, a responsabilidade, que era da Igreja, passa a ser do Estado.

4.2 Karl Marx

Nas palavras de Thompson (2001), a fábrica surgia como um símbolo das energias sociais que estavam destruindo o verdadeiro “curso da natureza”, incorporando a ameaça à ordem estabelecida. O autor cita um viajante aristocrático que visitou os vales de Yorkshire, em 1792, e ficou alarmado quando encontrou uma nova indústria algodoeira, salientando que “[...]com o sino tocando e o clamor da fábrica, todo vale fica transtornado parecendo que a rebelião estava próxima”. A indústria do algodão foi pioneira da Revolução Industrial.

Entretanto, a formação da classe operária entre 1790 e 1830 constituiu-se no grande fato do período.

Capitalismo industrial, fábricas, proletariado, péssimas condições de trabalho, eis o contexto em que viveu Karl Marx (1818-1883), acompanhando de perto boa parte dos grandes acontecimentos do século XIX e os retratando como ninguém.

Segundo Cambi, (1999, p. 407):

[...] aparece como o século do triunfo da burguesia, também foi o grande medo do burguês, do temor pelo espectro do socialismo comunismo (como lembrou Marx), um século, portanto, caracterizado por uma oposição frontal, oposição/luta de classes, que investiu as ideologias, as políticas e a própria cultura, além da economia e da vida social. Isso produziu também uma ideologização mais radical (em relação ao passado) da pedagogia e da educação que se afirmava como setores-chave do controle social e, portanto, do projeto político e da própria gestão do poder (social e político). Pela difusão da indústria e da renovação econômica e social que essa difusão comporta [...] A escola neste século, é considerada, a instituição responsável por formar o cidadão como homem e o homem como cidadão, enquanto o liga à ideologia dominante, o forma como produtor ou como governante.

Para a Europa, esse século foi de revoluções. Por volta de 1840, sua história assumia uma nova dimensão, pois a revolução social que se anunciava encontrava expressão típica no fenômeno do proletariado, estando o compromisso de Marx com a revolução no centro de sua teoria (WEFFORT, 1989).

De 1841 a 1847, o “jovem Marx” fez estudos de direito, filosofia e história, tendo como objetivo a revisão crítica do filósofo alemão Hegel e o socialismo utópico, com as obras “A sagrada família”, “A ideologia alemã”, “A miséria da filosofia e O manifesto comunista”. O “velho Marx” escreveu “O capital (1867)”, “18 brumário de Luís Bonaparte” e “A guerra civil na França”.

Marx desenvolveu uma dialética crítica e revolucionária, diferente da mistificada de Hegel: o materialismo histórico. Em “O capital”, apresentou o trabalho como determinação ontológica da vida humana:

A substância do valor é o trabalho, a medida da quantidade de trabalho, medida ela própria pela duração, pelo tempo de trabalho. O tempo de trabalho que determinou o valor de um artigo é o tempo socialmente necessário à sua produção, isto é, o tempo necessário, não num caso particular, mas em média; é o tempo que exige todo trabalho executado com o grau médio de habilidade de intensidade, e nas condições ordinárias em relação a um dado meio social. (MARX, 1962, p. 16).

5 Rousseau e Marx – dois românticos do pensamento educacional?

Para tratar da aproximação entre Rousseau e Marx, vale a pena pensar primeiro no que há de comum entre eles. Rousseau, que antecedeu Marx, tem seu papel relevante no cenário que se poderia chamar de “romantismo” da educação, por ser entre os pensadores aquele que, de forma mais sistematizada, enfatiza a importância do homem e salienta

quanto a sociedade contribui para suas imperfeições, levando-se em consideração que, para ele, o homem é bom e a sociedade é que o corrompe, deforma. E por ser naturalmente bom, há no meio social entrave ao desabrochar dessa natureza humana. Portanto, o “romantismo” em Rousseau pode ser associado a essa ideia, em contraponto à de que o homem é mau por natureza (ideia que vem de Aristóteles, prevalece até a Idade Média e, de certa forma, continua nos séculos XVII e XVIII). Nesse cenário, Rousseau propõe uma educação natural; para ele, a educação não se deve dar em contato com essa sociedade que é corrupta e, ao mesmo tempo, corrompe; daí a necessidade de manter a criança em seu estado natural. Essa perspectiva é contemplada em “Emílio”.

Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem. Ele abriga uma terra a nutrir as produções de outra, uma outra de outra, a dar frutos de outra; mistura e confunde os climas, as estações [...] não quer nada como fez a natureza nem mesmo o homem, tem de ensiná-lo para si, como um cavalo de picadeiro; tem de moldá-lo a seu jeito como uma árvore. Sem isso, tudo iria de mal a pior e nossa espécie [...], os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela [...] (ROUSSEAU, 1992, p. 9).

Esse pensador sugere que a educação se dê a partir da natureza, das coisas e dos homens. O homem aprende com outros homens, com as coisas e com a natureza, isto é, com os objetos e as produções do próprio homem, e nessa aprendiza-

gem também oferece seu saber para o desenvolvimento e a transformação da realidade. É uma via de mão dupla. Nesse sentido, Rousseau, com todo o seu “romantismo” decorrente do não ver qualquer indício de maldade no ser humano, pois isso, para ele, encontra origem nas corrupções provocadas pela sociedade – e não no nascedouro do ser, como algo inato dele –, advogava a bondade do homem, justificando que ele, quando se torna mau, reflete simplesmente uma ação/reação àquilo que foi, de alguma forma, imposto pela própria sociedade. E essa violência é devolvida em razão de sua impotência para digerir o que o corrompe e prejudica.

Os estudos mais recentes sobre a pedagogia rousseauiana destacaram a existência de dois modelos educativos: a educação natural e libertária, que privilegia a formação do homem, típica de “Emílio”, e a social e política, desenvolvida pelo Estado e ligada mais à organização social do que à liberdade, presente no “Contrato social”. Como afirma Rousseau,

Na ordem social, em que todos os lugares estão marcados, cada um deve ser educado para o seu [...] Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer que seja bem educado para esse não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica, ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quer ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem. Tudo o que um homem deve ser, ele o saberá, se

necessário, tão bem quanto quem quer que seja; e por mais que o destino o faça mudar de situação, ele estará sempre em seu lugar (ROUSSEAU, 1992, p. 15).

Nessa linha de raciocínio, pode-se aqui, aproximando Rousseau de Marx, observar que, se Rousseau apostou no ser humano e imaginou que ele é passível e possível de educar em contato com a natureza, pelas coisas e pelo próprio homem, como é que se vê o “romantismo” – se é que se pode chamar de romantismo – em Marx no que se refere à educação?

Marx acredita também na potencialidade do ser humano e faz evidentemente suas críticas à sociedade, não nos moldes rousseauianos. Pode-se dizer que há pontos comuns e divergentes entre os dois. Em que eles se identificam? Ambos acreditam no ser humano, creem que ele seja capaz de desbrochar e transformar, o que lhe é inerente e ocorre de dentro para fora.

Como observa Rousseau, para desenvolver-se o indivíduo deve evitar o convívio social durante a infância e início da adolescência, enquanto Marx aposta na possibilidade da articulação entre os homens. Portanto, para Marx, a educação tem um caráter produtivo, ou seja, faz que se expresse no indivíduo sua capacidade de ser mais, de superar os obstáculos e de transformar a realidade.

Embora Rousseau apresentasse características avançadas para a época, isso não lhe permitiu propor o salto de qualidade, isto é, a superação das condições históricas para compreender que o homem, além de natural, é necessariamente um ser social. Há nele o reconhecimento de que a sociedade está corrompida e vai corromper o indivíduo.

Marx propõe o contrário. É exatamente no encontro dos homens entre si e em contato com a

sua realidade, por meio do que se poderia chamar de uma práxis – a reflexão na ação –, que esse indivíduo vai reunir as condições, nunca individual, mas sempre coletivamente, para superar as contradições impostas pela própria sociedade.

Poder-se-ia imaginar que ambos sonham com uma sociedade diferente, sim. Rousseau sonha com uma sociedade de pessoas nos moldes de “Emílio”, entretanto afastadas da sociedade para desabrochar o potencial. Marx também sonha com a superação dessas contradições da sociedade, mas, em contrapartida, propõe a articulação entre os indivíduos agindo sobre a realidade para transformá-la, de maneira que possam beneficiar-se do resultado de seu próprio trabalho.

Identificamos, nesse aspecto, uma distinção entre o pensamento pedagógico socialista e as ideias de Rousseau. Trata-se da união do ensino com o trabalho produtivo, necessária para a elevação da classe operária muito acima da classe burguesa e da aristocrática.

Por educação entendemos três coisas:

Primeiramente: educação mental.

Segundo: educação física, tal como é dada em escolas de ginástica e pelo exercício militar.

Terceiro: instrução tecnológica, que transmite os princípios gerais a todos os processos de produção e, simultaneamente, inicia a criança e o jovem no uso prático e manejo dos instrumentos elementares de todos os ofícios.

Um curso gradual e progressivo de instrução mental, física e tecnológica deve corresponder à classificação dos trabalhadores jovens. Os custos das escolas tecnológicas deverão ser em parte pagos pela venda de seus produtos.

A combinação de trabalho produtivo pago, educação mental, exercício físico e instrução politécnica elevará a classe operária bastante acima do nível das classes superior e média. (MARX, 1982, p. 83).

Ainda quanto às contribuições de Rousseau e seu projeto de emancipação humana, explícitos em algumas de suas obras, por meio da concepção “ético-política” de um “individualismo igualitário” (JUPIASSÚ; MARCONDES, 1996 – grifos nossos), revelam um pensador utópico e sua grande ilusão no contrato social.

Marx é mais realista. Embora consoante com as ideias de Rousseau no que se refere à necessidade de transformar ou modificar a sociedade para superar as contradições próprias das relações de dominação, para ele essa transformação não se dará pelo afastamento do homem da luta, mas por seu engajamento nela, pela aproximação dos indivíduos entre si.

Nesse aspecto,

[. . .] existe uma pedagogia marxiana? Ou, em outras palavras, é possível localizar no pensamento de Marx – em sua análise, interpretação e perspectiva de transformação do real – uma indicação direta para elaborar uma temática pedagógica distinta das pedagogias do seu e do nosso tempo? (MANACORDA, 1991, p. 13).

Ao que Manacorda (1991, p. 15) responde:

Uma pesquisa filologicamente atenta às formulações explícitas de uma crítica e de uma perspectiva pedagógica nos textos de Marx – e nos de Engels, que são absolutamente inseparáveis, revela, sobretudo, a

existência de textos explicitamente pedagógicos que, sem serem numerosos, adquirem, no entanto, extraordinário relevo pela dupla circunstância de apresentarem de novo e com coerência no intervalo de mais de trinta anos e de coincidirem com momentos cruciais tanto de sua investigação como o da história do movimento operário.

Quando se fala de um projeto pedagógico, não se pode dizer que Marx tenha idealizado um projeto tal como propôs Rousseau em “A nova Heloísa” (1994), que seria uma educação para as mulheres, e em “Emílio ou da educação” (1992), para os homens – duas obras de natureza pedagógica, cujos originais datam respectivamente dos anos 1761 e 1762. Em contrapartida, Marx não tem nenhuma obra que indique especificamente os fundamentos de uma proposta pedagógica. No entanto, encontramos em suas obras, em diferentes pontos, seja nos escritos da juventude, no próprio “O capital”, na “Sagrada família”, insinuações sobre o papel da educação, portanto o da escola na formação do indivíduo. E quem vai “traduzir” isso, de maneira mais eficaz no pensamento de Marx, são os educadores Makarenko e Gramsci.

Makarenko organiza, na União Soviética, a escola a partir da proposta marxista, tendo por base a categoria trabalho. É interessante observar como este autor traduz a ideia de uma escola produtiva, para que ela seja entendida em Marx. Esse fiel defensor do pensamento marxista compara a escola a um empreendimento que, como tal, pode apresentar resultados excelentes, satisfatórios ou ruins.

Makarenko, interpretando as ideias marxistas sobre o projeto pedagógico, afirma que Marx defende a escola produtiva. Nessa perspectiva, o que vai definir o trabalho da escola? A qualidade do indivíduo que foi produzido nessa instituição; portan-

to o que saiu das mãos do pedagogo é que deve ser avaliado. Para ele, na escola, assim como em outro empreendimento, o produto final depende de como se trabalha a matéria-prima, dos recursos técnicos de que se dispõe para esse trabalho. No entanto, é fundamental que se pergunte: Qual a matéria-prima da escola? Ele responde: a criança. Então, que percentual dessa matéria-prima deve ser considerado para gerar homens autônomos, independentes e livres (fundamental para entender-se a ideia da escola produtiva em Marx)? 90%, portanto 90% das crianças? 50%? 10% dessa matéria? 5%? E aí vem a pergunta-chave: e o que se faz com o resto? Considerando essa matéria-prima – a criança que entra na escola –, se for trabalhada numa perspectiva cujo objetivo é ajudá-la no processo de transformação a ser independente, autônoma, livre, ao usar 90%, perdem-se 10%; caso se utilizem 50%, o prejuízo é de 50%; com 10%, tem-se a não utilização de 90%, e no caso de aproveitar apenas 5%, a perda será de 95%. Observa-se que a preocupação se concentra no problema: e aquilo que não for aproveitado? Percebe-se que o “romantismo”, se é que se pode falar disso em Marx, é absolutamente consciente de um trabalho crítico, de uma reflexão, de uma apropriação das contradições da própria sociedade para, na sua luta entre homem e natureza, entre homem e realidade, transformar essa própria realidade com o propósito de fazer com que o indivíduo seja mais feliz. Esta é a utopia marxiana: o homem ser feliz numa outra estrutura social, que lhe permita a emancipação. Como? Apropriando-se dessa realidade, transformando-a em benefício ético de sua sobrevivência.

Makarenko, em sua trajetória profissional, registrava suas experiências, feitos, erros e acertos. Publicou novelas, peças de teatro e livros sobre educação, sendo “Poema Pedagógico” (1987) o mais

importante. Para ilustrar essa preocupação e enfatizar qual deve ser o papel da escola, da educação escolar no processo de transformação, é interessante mencionar algumas ideias de Gramsci, contrapondo-o a Bourdieu e Passeron.

Estes pensadores, sociólogos franceses e representantes do pensamento pedagógico crítico, refinaram suas ideias, incorporando sistematicamente as de Marx, publicando o livro “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” (1978), cuja tese central é: toda ação pedagógica é uma violência simbólica na medida em que impõe, por um poder arbitrário, uma concepção cultural dos grupos e classes dominantes a toda a sociedade por meio do sistema de ensino. Constatam que a educação escolar reproduz e, portanto, passa a assumir um caráter de algo não desejado, que é uma educação reprodutora apenas das contradições da sociedade e que não deve ser, de certa forma, implementada, apoiada, incentivada.

Gramsci, entretanto, vê a possibilidade de a escola assumir essa contradição, ao mesmo tempo reproduzindo e transformando. Para este pensador marxista italiano, o papel revolucionário dos intelectuais, no diálogo com as camadas populares e na função da cultura como forjadora da liberdade, constitui o cerne das reflexões, explicitadas notadamente no caderno 12 da obra “Cartas do cárcere” (1963). Essa atitude consciente de práxis reflexiva (práxis em Marx) fica muito clara nas teses contra Feuerbach, quando trata da questão da práxis e diz que o indivíduo, agindo sobre sua realidade natural e social, transforma, com seu trabalho, essa realidade; entretanto, ao fazê-lo, também transforma a si próprio, numa relação entre homem, sociedade e natureza. Assim, a contradição é que, de fato, transforma a realidade natural e social do ser humano por meio do trabalho. E é nesse processo que Gramsci percebe e reforça a possibilidade

de a escola ser o espaço não só de reprodução, mas também contraditório, no qual pode ocorrer o oposto que é a transformação da sociedade. E a escola que não cumprir esse papel de desenvolver, de forma plena, o potencial que há em cada indivíduo, para que se torne plenamente autônomo, portanto livre, crítico, deixará de ser a escola produtiva.

6 Considerações finais

Com a análise do tema proposto, podemos considerar Rousseau e Marx como dois “românticos” do pensamento educacional, guardadas as devidas diferenças do contexto histórico em que viveram, explicitadas nos itens anteriores, na medida em que ambos se opuseram, com ideias inovadoras, aos modelos de sua época.

Rousseau é considerado um dos criadores da pedagogia moderna, da psicologia infantil, tendo proposto a mediação entre a educação do homem e a do cidadão.

Com relação ao trabalho, a modernidade tentou valorizar o manual, tendo o Iluminismo criticado a dicotomia entre artes liberais e mecânicas. A Revolução Industrial integrou o trabalho industrial e manual.

Enquanto Rousseau procura ensinar ao “homem o ofício de viver”, Marx articula o ensino em três momentos: o intelectual, o físico e o tecnológico, sendo o último um dos elementos das escolas politécnicas, e o politecnismo como um tema de disponibilidade para o trabalho e suas variações. Entretanto, ao criticar a alienação que a divisão do trabalho provoca, quer formar o homem onilateral e valorizar sua condição humana. Já Rousseau aglutina os aspectos físico, intelectual e moral da educação e põe, no seu centro, também a condição humana.

O pensamento rousseuniano defendia a tese de que é possível uma sociedade melhor, lançando aí as raízes do socialismo utópico, em que se fazem presentes a emoção e a sensibilidade, característicos do “romantismo”, enfatizando ainda os ideais de igualdade e liberdade que inspiraram os objetivos da Revolução Francesa. Paralelamente, temos as ideias de Marx a denunciar o caráter contraditório do capitalismo, o trabalho alienado e a exploração da classe trabalhadora. Eis a importância dos clássicos – fonte de água viva –, que constantemente alimentam nosso tempo.

Finalizando nossas considerações, gostaríamos de registrar que esses pensadores foram inovadores em seu tempo e, no nosso, são inspiradores de várias experiências locais que buscam superar os dilemas educacionais que enfrentamos na atualidade.

Rousseau and Marx – two “romantics” of the educational thought

This article intend to inquire in a comparative study the evolution of the education in schools, in front of approaches purposed by classic theoreticians like Rousseau and Marx that, when applied in our days could be able to identify characteristics that can be analyzed by the point of view of others, the meaning of the ideas exposed of each researched author. In this article we considerate those authors like two “romantics” of the educational thought, safeguarded the differences in the historic context that they lived – the 18th and 19th centuries, respectively – by measures when they refused against models of their age like word dreamers, profound knowledge of their realities and historic unconformities subjects that reveal an authenticate society of the inequality but also they were able to propose with boldness a new social order.

Key words: Classics. Pedagogical romanticism. Rousseau and Marx. School and work.

Referências

- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa: Editorial Vega, 1978.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- GRAMSCI, A. *Cartas do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- MAKARENKO, A. *Poema pedagógico*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MANACORDA, M. A. *Marx e pedagogia*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, K. *O capital*. São Paulo: Brasil Editora, 1962.
- _____; ENGELS, F. *Obras escolhidas em três tomos*. Lisboa: Edições Avante, Moscovo: Edições Progresso, 1982 (mimeo).
- ROUSSEAU, J.J. *O contrato social*. São Paulo: Brasil Editora, 1960.
- _____. *A Nova Heloísa*; trad. Fulvia M. L. Moretto. - São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- WEFFORT, F. (Org.). *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 1989.

recebido em 15 set. 2009 / aprovado em 15 dez. 2009

Para referenciar este texto:

GOMES, S. R.; SIMÕES, S. L. Rousseau e Marx – dois românticos do pensamento educacional?. *Dialogia*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 249-257, 2009.
